

Narrativas contadas na Ilha de Cotijuba (PA): as poéticas do imaginário entre as memórias e as paisagens insulares.

Narratives told in Cotijuba Island (PA): the imaginary poetic between memories and island landscapes.

Carla Melo de Vasconcelos¹

Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos²

Resumo: Neste artigo procuramos tecer um diálogo entre as Narrativas Oraís contadas sobre a ilha de Cotijuba e as imagens que delas suscitam. As narrativas orais, enquanto acontecimentos e materialidade são tecidos no cotidiano local das paisagens insulares do estado do Pará. Seus desdobramentos em memórias e imaginários envolvem a comunidade de narradores e ouvintes de Cotijuba. Assim, busca-se traçar uma atitude mais reflexiva dos encontros entre o imaginário poético, que as narrativas evocam, e as memórias dos narradores da ilha de Cotijuba, por meio das representações produzidas durante o trabalho de campo. Neste mergulho, buscamos utilizar perspectivas de estudos de disciplinas ministradas no Programa de Pós- Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, da Universidade Federal do Pará do campus de Bragança, da linha de pesquisa Memória e Saberes Interculturais da turma de 2015- e, também, dos estudos etnográficos durante a pesquisa de campo. Partindo destes princípios esta pesquisa procura contribuir de forma científica e poética com a tessitura do ato de contar histórias, e por meio deste perceber as narrativas locais em fontes orais na construção da memória, do imaginário e da paisagem da ilha de Cotijuba.

Palavras-chaves: Ilha de Cotijuba. Memória. Narrativas Locais.

Abstract

In this article we weave a dialogue between Narratives Oral counted on the island of Cotijuba and images of them raise. Oral narratives as events and materiality are woven on site everyday of island landscapes of Pará. His developments in memories and imaginary involve the community of storytellers and listeners in Cotijuba. Thus, it seeks to draw a more reflective attitude of the meetings between the poetic imagination, the narratives evoke, and the memories of the narrators of the island of Cotijuba, through the representations produced during fieldwork. In diving, we seek to use perspectives of studies of subjects taught in the Pos Graduation Program in Languages and Knowledge of the Amazon, the Federal University of Pará campus of Bragança, the search Memory and Knowledge Intercultural line 2015- class and also , ethnographic studies during the field research. Based on these principles this research aims to contribute scientific and poetic form with the fabric of storytelling, and through this to understand the local narratives in oral sources in the construction of memory, imagination and landscape of the island of Cotijuba.

Keywords: Cotijuba Island. Memory. Local narratives

1. Adentrando a Ilha de Cotijuba: *De perto e de dentro*

Na tessitura da pesquisa de campo na Ilha de Cotijuba procuramos dialogar, com o universo das narrativas orais, do imaginário e da paisagem do lugar. Procuramos tecer experiências vividas na Ilha de Cotijuba, durante cerca meses, em idas e vindas entre o distrito de Icoaraci e a ilha de Cotijuba. Procurando compartilhar olhares atentos diante da paisagem insular de Cotijuba, nesse marulhar das

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. UFPA. carlamelovasconcelos@gmail.com

² Doutora em Antropologia. UEPA. renildabastos@hotmail.com

ondas com os quais temos entrado em contato nos últimos meses como pesquisadoras e/ou frequentadoras da ilha.

Estas vivências na ilha deram-se pelas vias da paisagem e do contato com as narrativas sobre o lugar, através de conversas com as pessoas que moram na ilha, e com as pessoas que visitam a ilha. Percebi um universo imenso de manifestações da cultura gestual e simbólica.

A Amazônia que é infinita aos meus olhos curiosos e inquietos de aprendiz esconde recantos de ilhas e arquipélagos suntuosos, assim as histórias contadas no cotidiano das comunidades narrativas nas ilhas em torno da cidade de Belém são pouco conhecidas. Parece-me que as memórias, através das narrativas orais, representam um esforço para manter nutrida a identidade dessas comunidades insulares.

Nesse mergulho, procuro oferecer um passeio narrativo pela ilha de Cotijuba, e assim adentrar nos caminhos do imaginário, fazendo emergir devaneios e imagens com gostos e cheiros, característicos de uma poética imagética. É preciso compreender melhor as formas culturais (SIMMEL, 1983, p. 123) presentes entre as populações e comunidades humanas amazônicas, e como elas podem construir diferentes imagens e paisagens sobre o mesmo espaço geográfico.

A ilha de Cotijuba possui praias banhadas pela Baía do Marajó intercaladas por mangue e várzeas, que são utilizadas para pesca de curral, a ilha é entrecortada por igarapés e lagos. O transporte de passageiros é realizado por charretes movidas por tração animal e bondinhos movidos por tratores agrários. Segundo um morador da ilha, Seu Zé Maria, Cotijuba significa "trilha dourada", talvez uma alusão à argila amarelada que compõe o solo da ilha.

A ilha de Cotijuba, de maneira geral, tem se prestado muito fortemente ao longo do tempo a uma vasta série de construções simbólicas que, até certo ponto, ultrapassam a sua paisagem e se misturam e evoluem-se nos seus fluxos de água doce. Desde o espaço de lagoa, igarapé, até, mais recentemente, a de espaço ecológico, imagens que desencadeiam, resignificam e se conectam em diversos sentidos.

De barco em barco, de Icoaraci à Cotijuba, e de lá até as comunidades. Assim começa a viagem para Cotijuba, nos lançamos no rio para pescar histórias que o povo conta de lá. Um grande e infinito fio. O fio da memória, de brincar, de soltar as palavras, de embalar o corpo ao molejo da performance do contar. Perpassando em descrever as práticas associativas envolvidas no imaginário da comunidade de ouvintes, as quais aproximam as situações narradas pelo contador de história às paisagens comuns da ilha de Cotijuba.

1.1 *A Poética da Paisagem*

Por muito tempo se afirmou que por mais que a cultura ocidental tenha tornado-se um sistema cultural mais complexo, ela teria abandonado seus mitos da natureza, porém estes nunca desapareceram e que toda a nossa tradição de paisagem se constrói a partir de um rico depósito de oralidades poéticas. No entanto, mesmo podendo estar nestas histórias contadas a essência na elaboração das paisagens, estaremos aqui falando de um tipo de paisagem que denominamos como poética, a qual deve ser entendida como uma presença que se manifesta na natureza da ilha.

Vale acentuar que, não é apenas o caso das histórias inseridas na natureza, mas o entendimento daquele espaço como detentor de uma paisagem poética própria. Isso torna a simples paisagem em única e específica. Com certeza, as circunstâncias geográficas são decisivas neste processo. O encantamento vai estipular-se e definir-se sob condições tanto do espaço que a ilha ocupa quanto dos dados culturais, históricos e sociais dos imaginários que se debruçam sobre essa paisagem.

Toda paisagem pode ser considerada encantada quando contém o encontro de sistemas e substratos míticos e de encantamento que definem como resultado não somente a sua construção, mas a ela mesma.

A paisagem poética, da ilha de Cotijuba, abriga histórias contadas que estão na esfera do natural e do sobrenatural. Em todos os casos, quando se tenta obter informações, na pesquisa de campo, sobre o que seriam estes seres ou lugares, que ocupam a ilha, obtém-se como resposta única: *é encantado!*

O encantamento em relação à paisagem da ilha de Cotijuba continua sendo o lugar de banho, de pesca, de navegação, do cotidiano. As histórias contadas nas comunidades narrativas da ilha apresentam dimensões e significados simbólicos refletidos nos comportamentos do narrador de histórias e seus ouvintes.

A presença das histórias na ilha de Cotijuba, tanto nas formas mais completas ou nas mais diluídas, configuram e desenharam a paisagem como encantada.³ As narrativas orais estão lá porque a paisagem é encantada e por isto é capaz de envolver. Um forte imbricamento que, na verdade, vai fazê-las, em alguns casos, narrativa poética e paisagem, um só produto.

A paisagem da ilha de Cotijuba é composta de água doce e de floresta. Aspectos de espaço turístico. O caminho até as praias é um passeio por igarapés e por exuberante flora. O chão é de areia, e em alguns caminhos há pedras. As casas dos moradores apresentam simples arquiteturas. Há no caminho muitas pousadas. Há muitas pessoas que possuem sítio para passar as férias. No caminho até as praias há muitos restaurantes, a ilha possui um médio comércio, com feira e pequenas lojas. Uma mistura do rural e do urbano.

³ Comentário inserido no final

O mais comum na região é dizer que algumas águas, igarapés, trechos dos rios, são encantadas. Esse encantamento se define por elementos naturais e uma variada série de paisagens imbricadas nas histórias contadas que povoam as águas. As águas da ilha de Cotijuba são deste mundo e, ao mesmo tempo, do outro mundo. Do mundo dos encantados e encantamentos.

Pelo caminho da oralidade, as histórias narradas são ações coletivas. Segundo Zumthor (1997), a oralidade não é composta apenas da voz, mais também e, sobretudo, do gesto e do olhar (ZUMTHOR, 1997, p. 31). Vale destacar que, algumas culturas desenvolveram mais que outras a prática gestual e, portanto, expressam melhor a gestualidade. Assim, a oralidade é intrínseca à cultura, sendo armazenada na zona da memória do narrador. Nesse percurso, o fazer da oralidade se refaz na figura do narrador tradicional, para ele o contar faz parte do cotidiano.

Neste passo, para Benjamim e para Jung (1997), as narrativas míticas ainda continuam presentes. Jung e Benjamim focalizam o mito em termo de uma imagética, podendo-se falar nele no sentido de constelações de imagens expressas enquanto sonho coletivo, no que passado e presente se encontram interpretados em arquétipos (BENJAMIM e JUNG, 1997, p. 279). Visto que, os mitos são imagens dotadas de historicidades que permeiam estruturas narrativas simbólicas, presentes em diferentes tempos históricos.

Parece possível dizer que toda e qualquer paisagem prevê intrinsecamente, a possibilidade de encantar-se, o encantamento da paisagem deve ser visto também por meio das narrativas orais, como uma construção mental assentada em um processo peculiar e único, ligado em essência à criação e à manutenção simbólica desencadeada pela memória e pelo imaginário da comunidade narrativa da ilha.

De acordo com Laplantine (1997) o imaginário, de maneira geral, é a relação que não se percebe diretamente e que evoca e mobiliza imagens e símbolos para exprimir-se e existir, pois o simbólico já pressupõe a capacidade imaginária (LAPLANTINE, 1997, p. 78). Para tanto, percebe-se as estruturas que compõe o imaginário: o extraordinário, o maravilhoso e o fantástico. Esses podem ser categorizados enquanto processo de produção de conhecimento, interpretação, reflexão e desejo.

Os dias que estivemos em pesquisa de campo em Cotijuba foram repletos de acontecimentos cotidianos: conversas com alguns moradores, contadores de histórias que narraram algumas histórias sobre a ilha. Os dias lá na comunidade passaram ligeiros, entremeados de sol e chuva. Passei um bom tempo observando as brincadeiras das crianças ao ir catar manga, também as crianças que iam à escola, o movimento dos vendedores pelas praias, enfim vários olhares sobre o cotidiano de Cotijuba. E passei ouvindo e guardando as histórias que me contaram por lá.

1.2 Narrativas Locais em Fontes Oraís

Como ribeirinhos samos todos contadores de histórias. Desde moleca ouvia histórias contadas por minha mãe, meus avós, vizinhos, parentes (...).

(Dona Zilda, 73 anos, morada da Ilha de Cotijuba)

Há muitos anos, quando não existia registro escrito, as narrativas eram feitas oralmente e cada trama causava efeitos diferentes, dependendo do repertório cultural de quem as narrava. Na Idade Média, os camponeses, por exemplo, sentavam-se à beira das fogueiras para ouvir enredos maravilhosos.

Na comunidade narrativa, o contador de histórias possui papel de destaque, mantém viva a memória coletiva do grupo e, muitos deles instituem uma base identitária, como forma de testemunho diário e regular.

Na Ilha de Cotijuba as narrativas, de maneira geral, têm se prestado muito fortemente ao longo do tempo a uma vasta série de construções simbólicas que, até certo ponto, ultrapassam as narrativas sobre o lugar e, se misturam e evoluem-se nos seus fluxos de água doce, narrativas que se desencadeiam, se resignificam e se conectam em diversos aspectos do cotidiano da ilha.

Durante a pesquisa de campo na ilha de Cotijuba ouvi e também contei histórias que eu ouvira quando criança sobre a ilha. Histórias que até hoje fazem parte da minha memória de infância. As narrativas que ouvi por lá muitas eram novas para mim, outras eu já conhecia.

Nessa tessitura conheci Dona Zilda, morada da ilha há 48 anos, ela me contou uma história da Mãe d'água do Igarapé:

(...). No mês de maio é quando venta, venta mais. E daí sim dá pra ouvir a mãe d'água que passa no igarapé, faz vruuuuuuuuuuuuum. Dá pra ouvir e sentir quando o vento assovia e a danada vem rente a beira do rio. Aí faço de presa uma oração pra ela não me pegar. Fecho os olhos e rezo até aquele assovio parar.

(Dona Zilda, 73 anos, morada da Ilha de Cotijuba)

O narrador de histórias passa a ser aquele que junto às narrativas nos diz algo, nos aguça questões. É possível se observar que com o passar do tempo as narrativas tendem a se interpenetrarem, enriquecendo-se e sofrendo assim redefinições, com base em repetições, cancelamentos, esquecimentos e substituições de elementos, consolidando, deste modo, um incessante movimento de interações, que contribui para enriquecer a memória.

Nessa travessia, o Brasil ainda é um país de prevalência vocal, e, mesmo nas grandes metrópoles, onde se presume a inexistência de narrativas tradicionais, elas continuam a fluir com o mesmo caráter de mistério. Nas comunidades narrativas tradicionais da Amazônia, conta-se nos cantos, nas portas, nas calçadas, nos bancos, e, quanto mais se adentra a mata ou se abeira o rio, mais o repertório enriquece e se avoluma.

Como observa Fares (2005), os narradores orais são pessoas mais experientes, em geral, mais velhas, mas mesmos os jovens, que, muitas vezes, negam esse tipo de conhecimento, por pleitearem experiências “modernas”, trazidas pelos meios de comunicação de massa, esses narradores não se afastam desta rede de signos que representa a tradição (FARES, 2005, p. 6).

2. A Memória do Lugar, o Lugar da Memória

(...). Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

(NORA, Pierre.1993, p.9 -13)

Segundo Jacques Le Goff (1996), a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas (LE GOFF, 1996, p. 419).

Desse modo, o narrador de histórias nem sempre guarda, na memória, tudo o que lhe penetra pelos sentidos; na verdade, tudo é captado parcialmente, alguns retalhos ficam, outros se perdem no grande emaranhado que compõe a colcha cultural, na qual estamos envolvidos.

A partir da idéia de memória individual e coletiva perpassa-se a discussão de Halbwachs (2003) de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo (HALBWACHS, 2003, p. 30).

O agente que procura condições para fazer o povo da comunidade recordar as lembranças perdidas na História é o narrador que, responsável por guardar na memória acontecimentos coletivos, como contos e experiências vividas no local, para recontar às gerações futuras e assim manter as histórias.

A memória individual e a memória coletiva são importantes fontes das poéticas orais. Convém lembrar que nos estudos de Maurice Halbwachs (2003), a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é, também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo. Sendo uma construção social, a memória é, em parte, modelada pelos grupos sociais (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Instrumento fundamental do laço social, a memória (individual e coletiva) tornou-se, ao longo do tempo, um dos objetos centrais de análise dos historiadores do tempo presente. Praticada, sobretudo, em países como a França, onde os atores históricos são os sobreviventes das tragédias do século XX (o holocausto, principalmente), a chamada “história social da memória” vem tentando

problematizar a memória através da sua inscrição na história. Mais do que um simples objeto da história, a memória parece ser, dentro dessa nova perspectiva de análise, uma de suas “matrizes”.

Nas sociedades sem escrita a atitude de lembrar é constante. Tais sociedades possuem especialistas em memória que têm o importante papel de manter a coesão do grupo. Um exemplo pode ser visto nos Griots da África Ocidental, cidadãos de países como Gâmbia, por exemplo. Os Griots são especialistas responsáveis pela memória coletiva de suas comunidades.

Nos estudos de Jerusa Pires Ferreira (1995) a ação da memória se processa de acordo com sistemas internos de cada narrador. Nela ficará registrado somente aquilo que tiver algum significado para ele, algo que lhe desperte a curiosidade, que tenha íntima relação com sua história de vida, que lhe cause indignação ou esteja reforçando suas concepções (FERREIRA, 1995, p. 127).

A memória abrange todo o campo da vida cultural, histórica, social e política. Segundo Paul Ricoeur (2007), ela permanece, em última instância, a única guardiã de algo que efetivamente ocorreu no tempo. Ricoeur apresenta, em seu discurso sobre memória individual e memória coletiva, as bases que constitui uma região de racionalidade intermediária, onde o pressuposto é justamente o corte entre essas duas bases (RICOEUR, 2007, p. 22-24).

2.1 A Ilha-Presídio e seus fantasmas

Uma marca que a ilha traz do seu passado histórico, é a memória da penitenciária, construída em 1968, e, por algum tempo, educandário e presídio coexistiram. Porém, logo o educandário foi extinto e a ilha se transformou em ilha-presídio, recolhendo condenados e presos políticos, adultos e menores, com um sistema penal violento e arbitrário.

Esse fato povoou o imaginário da sociedade paraense, mantendo-a a distância da ilha. Segundo um morador, seu Zé Maria, em 2005, faleceu o último "preso" da ilha e, com ele, foi enterrado todo o sofrimento que já existiu por ali.

Porém, segundo algumas narrativas sobre as ruínas do presídio: os fantasmas dos antigos presos ainda “perturbam” quem ‘mexe com eles. Quem não acredita acaba sofrendo alguma punição.

Seu Zé Maria, morador da ilha há 43 anos, conta que seu irmão mais velho foi um presidiário na ilha de Cotijuba, pelo qual conseguiu escapar da ilha três vezes, e só retornou definitivamente para ilha após a Ditadura Militar, onde pôde construir família, e viver tranquilamente na ilha. Seu Zé Maria conta sobre as histórias que seu irmão lhe contará com o olhar penetrante diante da ruína do antigo presídio.

Após anos, em 1977, com a inauguração da Penitenciária Estadual de Fernando de Guilhon, a Colônia Penal de Cotijuba foi desativada. O fato de ser uma ilha-presídio afastou muitas pessoas do local.

A história da ilha mudou quando a Constituição Brasileira de 1988 transferiu Cotijuba ao domínio municipal da capital paraense. Já em 1990, a Ilha de Cotijuba foi transformada em Área de Proteção Ambiental, pela Lei Municipal.

Certa vez quando eu estava, em pesquisa de campo, em Cotijuba fiquei no trapiche, não fui além, e lá mesmo encostada próximo à ponte uma senhora, Dona Dorinha, veio até mim, e começou a contar uma história sobre o presídio que lá existiu:

Esse presídio é mal assombrado, até hoje a gente escuta os presos que viveram aí gritando e pedindo socorro. É verdade! Quer vê? Passa depois das seis horas da tarde por aí que você vai vê, e vai sentir muita coisa. Só de você tocar nessas paredes caindo, a gente já se arrepiia tudo. Aí teve muito sofrimento, e o espírito dos presos ainda estão preso aí.

(Dona Dorinha)

Nota-se como a memória é tecida na narrativa das pessoas que moram na ilha. Isto se torna relevante pelo fato de que o homem que narra guarda na memória fatos e acontecimentos da sua comunidade para poder repassá-los a gerações posteriores

3 Vivências e Imaginários Comuns

“O rio, malgrado seus mil rostos, recebe um destino único, sua fonte tem a responsabilidade e o mérito de todo o curso”.
(BACHELARD, 1997, p. 49)

Bachelard (2001) (2) fala de devaneios para descrever as múltiplas facetas deste meio de libertação que é o imaginário, o imaginário, assim, embrenha-se na visão e nos ouvidos (BACHELARD, 1997, p.158).

No espaço amazônico a poesia e o mito tornam-se um só elemento, representado, por exemplo, na poética de Paes Loureiro (1995) para este poeta a Amazônia é uma paisagem repleta de narrativas plurais e, onde se percebe o alargamento do círculo da imaginação, pois o imaginário assumiu, desde sempre, um papel dominante no sistema de produção cultural amazônico (LOUREIRO, 1995, p. 268).

Na modernidade, o desencantamento do mundo, como previsto por Max Weber (2002, p.88), na realidade suscitou num processo no qual o imaginário e suas esferas simbólicas, foram submetidos à esfera da racionalidade, num processo de mercantilização, sendo a imagem consumida com volúpia por uma sociedade na qual os laços coletivos entre os indivíduos são cada vez mais rompidos.

Entretanto, o homem é, antes de tudo, um ser simbólico, e o imaginário, como uma forma de linguagem, pode permear todas as esferas de sua vida.

O imaginário, assim, diz respeito a uma civilização, do tempo histórico e cultural de grupos sociais. Desta forma, o imaginário tece várias abordagens teóricas e empíricas no sentido de compreensão da vida. Por ser um fenômeno que abarca, em um só tempo, o homem em seu sentido coletivo, social e histórico, num feixe de conexões e heterogeneidades.

Nesse limiar, o imaginário é um pensamento simbólico, na medida em que acionada os diferentes sentidos de compreensão do mundo. Ao mesmo tempo em que reúne elementos da memória e do reconhecimento social.

É interessante pensar que o imaginário é a fonte da poetização humana, revelando o sentido natural do homem, sua autonomia tecida no domínio da história. Seguindo nos passos de Bachelard as imagens poéticas são também dotadas de razão.

Na dose certa, cotidianos e imaginários são tecidos no espaço das narrativas sobre a ilha de Cotijuba, preservando a memória e identidade das pessoas que moram lá, em seu saber-fazer. Neste sutil universo, o fluxo contínuo das histórias contadas, toda a performance é construída na inter-relação narrador-ouvinte. Nesse entremeio do espaço do narrador, as histórias são a fonte do vivido no exercício imagético no cotidiano da comunidade.

Assim, o cotidiano da paisagem da ilha de Cotijuba para compreendê-lo, é preciso conhecê-lo, interpretá-lo, no contexto onde emerge o seu acontecer, o seu mundo. Portanto, para melhor conhecer o universo da paisagem poetizante contida nas narrativas contadas é preciso mergulhar nessa morada imaginária, e caminhar junto com os contadores de histórias na travessia do seu cotidiano.

Para Certeau (1996) o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia, é uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (CERTEAU, 1996, p. 142). Ele considera que toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não o é necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal, pois, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”.

3.1. A Memória no Cotidiano da Ilha de Cotijuba

O ato de contar e ouvir histórias cotidianamente se constitui em documentos históricos, e o narrador de histórias com sua memória que mais parece um grande arquivo, em seu saber-fazer revela em suas narrativas os acontecimentos que marcaram a memória da ilha de Cotijuba. Bem como, estes também narram o seu cotidiano através dos seus ensinamentos de vida.

É através de uma narrativa, de uma narração da memória que se processa, anteriormente, o ato da escuta. Assim, antes de nos apropriarmos de nossa capacidade narrativa (contarmos histórias), nós ouvimos histórias.

Ora, como observa Ricoeur (2007), nós pertencemos a grupos sociais portadores de uma memória, memória essa que preside as relações intersubjetivas e que é derivada das mesmas (RICOEUR, 2007, p. 164). A memória, visando unicamente à interioridade, torna-se objeto de dúvidas e de suspeitas. Enquanto, o conceito sociológico construído de memória coletiva, tramado dentro de uma perspectiva positivista, rompe com os psicologismos, abrindo novas perspectivas de análise histórica.

A narrativa tem um lugar privilegiado no uso crítico da memória, pois é necessário contar o passado, mas é necessário fazê-lo também do ponto de vista do outro. Assim, ao estabelecer a conjunção dos conceitos de intersubjetividade de Husserl e de tipo ideal de Max Weber, Ricoeur (2007) destaca a convicção husserliana fundamental de que sempre se encontrarão relações intersubjetivas.

Visto que, para Halbwachs (2003) seria o caso de distinguir esses dois tipos de memória: uma interior e uma externa (HALBWACHS, 2003, p.93). Diria ainda que, existe uma memória autobiográfica e outra memória histórica. E assim, a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história da nossa vida faz parte de uma história mais geral.

E, portanto, a segunda é bem mais extensa que a primeira, por outro lado, a memória histórica parece de forma resumida diante da memória da nossa vida, esta nos apresentaria um quadro mais contínuo e denso.

Uma viagem ao rio da memória: um embarque que ainda não se concluiu

Cada partida ao campo de pesquisa foi um encontro entremeado de risos, olhares, atenções e, principalmente, de silêncio. Olhares atentos a cada paisagem, a cada forma poética, de perceber a tessitura da memória entrelaçada ao cotidiano da ilha. Foi significativo ouvir as narrativas sobre Cotijuba, de conhecer alguns moradores e visitantes da ilha, e também compartilhar nossas histórias com eles foi muito satisfatório.

Vale acentuar que para Oliveira (2000) a primeira experiência do pesquisador em campo está no treino do olhar. Esse momento do olhar etnográfico vem dar conta de perceber as relações culturais mantidas entre as pessoas do corpus da pesquisa, devem-se perceber as entrelinhas de cada relação (OLIVEIRA, 2000, p. 19). Nessa primeira fase, procurei perceber as narrativas orais imbricadas na memória e no imaginário dos moradores.

Durante todo o percurso da viagem pelo “rio da memória”, embarcado nas narrativas orais, vários mergulhos me foram possíveis. Alguns, muito profundos, por ora, não tive fôlego. Aportando nos cais durante a viagem, algumas reflexões... sem pretensões de esgotar aqui um tema tão complexo como é, sem dúvida alguma, a poética da oralidade.

Apesar da viagem não concluída, aportei numa certeza: por tudo que vi, ouvi e senti por meio das narrativas contadas sobre Cotijuba, o narrador não morrerá tão cedo, assim como suas histórias, pois existirá sempre alguém as ouvindo que, como nos diz Bachelard (1997), exerce o poder de devanear para o encontro com o mundo dos sonhos, e um passaporte fiel para este universo, sabemos, são as narrativas (BACHELARD, 1997, p. 97).

Nota:

3 (Pag. 3). O termo “encantada” é utilizado como uma espécie de expressão *conceito* pelas populações mais tradicionais e oralizadas da comunidade narrativa da ilha de Cotijuba, as quais determinam não apenas lugares carregados de sobrenatural, mas também seres míticos.

Referências:

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**; Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BÁLAN, Jorge (org). Schwertzman in **Centro e Periferia no desenvolvimento brasileiro**. São Paulo: Difusão Européia do Livro (DIFEL), Coleção Corpo e Alma do Brasil, 1974, p.21.

BASTOS, R.R; FARES, J.A. Dois Singulares e um Plural: **Diálogos sobre Poéticas Orais**. In: O caráter interdisciplinar da pesquisa: múltiplos olhares. Org. Fátima V. C. Figueredo e Maria do Perpétuo Socorro C. da Silva. Belém: UEPA, 2003.

BENJAMIM, Walter. **O Narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: obras escolhidas. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Estadual Paulista, 1992.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Trad. Renée Eve Lévié. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

FARES, Josebel Akel. **MEMÓRIA DE BELÉM EM HISTÓRIA DE VELHOS: aspectos metodológicos. Contadores e Repertórios orais.** UEPA. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Cultura é memória.* Revista USP. Nº 24. São Paulo: USP, 1994/1995.

GEERTZ, Clifford. **O saber Local: novos ensaios em Antropologia interpretativa.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Trad. Bernardo Leitão. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Francisco Assis de S. *Conto Popular e Comunidade Narrativa.* Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário.** Belém: CEJUP, 1995.

MENDONÇA, Kátia. **A Salvação pelo Espetáculo: Mito do Herói e Política no Brasil.** Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: Conversa Sobre a Origem da Cultura Brasileira.** São Paulo: Angra, 2000.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares.** Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: (10) dez. 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo.** 2.ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

RICOUER, Paul. **A Memória, a história e o esquecimento.** Trad. Alain François. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SIMMEL, G., **A natureza sociológica do conflito,** in Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983.

ZUMTHOR, P. **Introdução a Poesia Oral.** Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. São Paulo: EDUC, 1997.